

**SOBRE O DIZER E MOSTRAR DA OBRA *TRACTATUS LOGICO-
PHILOSOPHICUS* DE LUDWIG WITTGENSTEIN: ASPECTO
AUTOEXPLICATIVO**

Erivaldo Soares Cerqueira¹

RESUMO: Este estudo busca analisar o estatuto discursivo da obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, do filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951), a partir do problema proveniente da autorrefutação, manifesto no penúltimo aforismo da sua obra. Objetiva-se confirmar a hipótese de que, há um aspecto autoexplicativo inerente ao discurso *Tractatiano*. Este aspecto será caracterizado tendo como pano de fundo, a simultânea e contraposta, relação entre *dizer* e *mostrar*. Para isso recorreremos a modelos de enunciados autoexplicativos de proposições da gramática, de modo esclarecer o estatuto discursivo da obra de Wittgenstein. Para isso, primeiramente, esclareceremos o sentido ambíguo como os conceitos “*dizer/mostrar*” são abordados por Wittgenstein no *Tractatus*. Depois, trataremos de elucidar em qual sentido ambos conceitos corroboram com a hipótese deste estudo. Além disso, esclareceremos ainda, a incompreensão que se tem acerca da ideia de *indizibilidade* na obra de Wittgenstein, que por sua vez, reverbera-se no seio das principais correntes interpretativas secundárias.

Palavra-chave: Autorrefutação; Dizer; Mostrar; Aspecto autoexplicativo.

Abstract: This study seeks to analyze the discursive status of the work *Tractatus Logico-Philosophicus*, by the philosopher Ludwig Wittgenstein (1889-1951), based on the problems arising from self-refutation, manifested in the penultimate aphorism of his work. The objective is to confirm the hypothesis that there is a self-explanatory aspect inherent to the *Tractatian* discourse. This aspect will be characterized from the simultaneous and contradictory relationship between saying and showing. To this end, we will use models of self-explanatory statements of grammatical sentences, in order to clarify the discursive status of Wittgenstein's work. To do this, first, let's clarify the ambiguous meaning of the concepts "say / show" in the *Tractatus*. In the following, we will try to elucidate in which sense both concepts corroborate the hypothesis of this study. In addition, we will also clarify the misunderstanding about the idea of the unspeakable in Wittgenstein's work, which in turn reverberates in the main secondary interpretative currents.

Keywords: Self-refutation; To say; Show; Self-explanatory aspect.

INTRODUÇÃO

A preocupação filosófica concernente a natureza da linguagem se fez presente desde a Grécia Antiga. Com Platão (428 a.C.-347 a.C.), mais precisamente no *Crátilo*, a questão sobre a relação entre nomes e seus respectivos significados, sempre se mostrou problemática; nesse diálogo, por exemplo, na seção final depara-se com o problema de que, os nomes não são capazes de dizer a essência das coisas (Platão, 438b).

¹ Graduado em Filosofia pela UFRB/CFP e mestrando em Filosofia pela UFES/CCNH. E-mail: Email: esoarescw@hotmail.com

Todavia, na antiguidade, essa questão da linguagem aparece apenas de forma secundária, servindo como base para outros tipos de reflexões. Somente no período moderno, como uma reação crítica a subjetividade, que a linguagem ganha ênfase no âmbito da filosofia, e ressurge como uma tentativa de fundamentação do conhecimento acerca da realidade.

Nesse contexto, a chamada *Virada linguística*, surgida no final do século XIX, será o auge dessa retomada, onde destacam-se filósofos como, Gottlob Frege (1848-1925), Bertrand Russell (1872-1970) e, principalmente, Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Estes, serão considerados os principais representantes da corrente filosófica de cunho analítico, cujas principais preocupações, serão voltadas para a relação entre linguagem, pensamento e mundo. Baseado na ideia de que, há uma estrutura subjacente à linguagem e ao mundo, que fundamenta a realidade; a qual será caracterizada por Wittgenstein, no *Tractatus*, como *estrutura lógica*. Acreditam-se que, uma análise pormenorizada dessa estrutura comum ao mundo e a linguagem tornar-se-á possível chegar-se ao conhecimento da realidade, independentemente de considerações subjetivas. Tanto Russell, quanto Frege tentaram formular princípios que pudessem subsidiar o processo de expressão do pensamento de forma lógica e rigorosa. Russell chega a criar um sistema lógico-matemático² visando a eliminação de paradoxos. Frege, nessa mesma linha, tenta desenvolver uma linguagem formal *transparente*³, no afã de eliminar as ambiguidades presente na linguagem comum. Será a partir dessas ideias básicas que Wittgenstein encontrará o fomento para o desenvolvimento de sua filosofia.

A busca por uma linguagem lógica capaz de sanar os problemas provenientes de ambiguidades, comum à linguagem ordinária, se mostrou como um dos pontos centrais na filosofia de Frege e Russell; mas será a partir de Wittgenstein no *Tractatus* que essa tarefa será levada às últimas consequências, com a ambiciosa pretensão de traçar um limite para a linguagem. Neste estudo, nos ocuparemos, em especial, com a obra *Tractatus Lógico-Philosophicus*⁴ de Wittgenstein.

No *Tractatus Logico-Philosophicus*, uma das questões centrais é a natureza dos *problemas filosóficos*. Estes, segundo Wittgenstein, são provenientes de confusões conceituais,

² *Principia mathematica* – é uma obra de três volumes sobre fundamentos da matemática, escrita por Alfred North Whitehead e seu aluno Bertrand Russell e publicada nos anos de 1910, 1912 e 1913.

³ *Begriffsschrift* – cuja tradução, *Conceitografia*, é uma obra do Filósofo Gottlob Frege publicada em 1879. Trata-se de uma *notação conceptual*, onde, pela primeira vez, apresentou-se um sistema matemático lógico no sentido moderno. A ideia de “transparência” diz respeito a uma linguagem formal, cuja leis subjacentes, são visíveis.

⁴ A versão da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* aqui utilizada é a traduzida e apresentada, com o estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução de Bertrand Russell; 3. Edição, Editora da Universidade de São Paulo, 2010. Texto bilíngue: alemão-português.

devido a tendência que temos de fazer mau uso da lógica de nossa linguagem. Assim, a filosofia caracterizada no *Tractatus* como atividade de crítica da linguagem, terá como função, resolver de vez esses problemas de natureza contrassensual, dissolvendo-os, i. e., tornando evidente sua verdadeira natureza. Para isso, a análise da estrutura lógica, subjacente à linguagem e ao mundo, se faz crucial no *Tractatus*. Será o esclarecimento da relação *isomórfica* entre ambos, que possibilitará discriminar entre o *dizível* e o *indizível*; em outros termos, o que é um verdadeiro problema e o que é um pseudoproblema.

Todavia, a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* traz consigo uma série de questões que, à primeira vista, parecem ser controversas: a depender da postura adotada pela análise que se pode fazer dos seus aforismos e das relações entre eles, é possível notar a existência de contradições, ou até mesmo, incoerências; a começar pelo próprio prefácio, quando Wittgenstein afirma ter resolvido os problemas, uma vez que as proposições ali apresentadas são verdadeiras e, em seguida, declara que o segundo valor de sua obra é mostrar como pouco importa resolver os problemas (Wittgenstein, 2010, prefácio). Há, contudo, quem defenda a tese de que se trata de uma obra paradoxal. Há ainda aqueles que fazem a seleção dos elementos que podem defender seus interesses, desconsiderando parte da obra segundo os objetivos a que se pretendem, tal como ocorre em análises que levem em conta os aspectos de uma possível teoria da linguagem; ou ainda, a ideia de que há uma função terapêutica.

A questão é que, a complexidade dessa obra de Wittgenstein aponta para a necessidade de estudos que possam lançar luz sobre essas questões. Pensando nisso, a relevância deste estudo está intimamente ligada à busca de uma compreensão, pautada na articulação interna de conceitos, que possa apontar para um possível esclarecimento da proposta apresentada no *Tractatus*, garantindo a unidade da obra enquanto tal – apontando seus limites e seus alcances. Por isso, o estudo que por ora, propõe-se fazer, visa a partir da análise do seu estatuto discursivo apresentar um modelo teórico capaz de melhor esclarecer a proposta inicial do *Tractatus Logico-Philosophicus*.

O estatuto discursivo da obra *Tractatus* tem sido um dos temas mais debatidos no âmbito da filosofia secundária. O problema de como compreender *perfeitamente* os pensamentos ali expressos, tornou-se o próprio problema filosófico por excelência nesse contexto. Inclusive, desde a sua publicação, as dificuldades atreladas a compreensão dos escritos *Tractatiano*, já se fazia problemática, tal como é destacado no artigo introdutório ao *Tractatus*, por Russell, onde ele declara certo *desconforto* intelectual:

O que provoca hesitação é o fato de que o Sr. Wittgenstein, no final das contas, consegue dizer uma porção de coisas sobre o que não pode ser dito, sugerindo assim a um leitor cético que possivelmente haja escapatória através de uma hierarquia de linguagens ou alguma outra saída. (Russell, 2010, p. 127).

Essa ressalva feita por Russell, aparenta estar ligado, dentre outros pontos, ao peculiar estilo adotado que, incrementado numa sequência não linear de aforismos, enumerados de 1 a 7, Wittgenstein, no *Tractatus*, dá conta de desenvolver um sistema filosófico, cujas bases teóricas, implica numa conseqüente refutação das próprias proposições. Além disso, e principalmente, o mais problemático que Russell destaca sobre o *Tractatus*, é justamente, o fato de Wittgenstein afirmar a existência de coisas que não poder ser ditas e, ao mesmo tempo, se pronunciar sobre tais coisas. Estaria, Wittgenstein, equivocado ao se contradizer e dizer o que não poder ser dito? Essa poderia ser uma questão a se levantar, baseada na crítica Russelliana.

Mas, a reação ao comentário de Russell, demonstra que Wittgenstein não sentiu compreendido por ele nesse aspecto. Em carta a Russell, ele destaca: “*O futuro virá a fazer um juízo a nosso respeito, ou talvez não, e, se for silencioso, isso também será um juízo*”⁵.

Acreditamos que há uma divergência entre Wittgenstein e Russell acerca daquilo caracterizado como “indizível” no *Tractatus*. Essa incompreensão acerca do sentido que, Wittgenstein afirma algo não poder ser dito, também, vai se reverberar nas correntes interpretativas das chamadas, *leitura revisionista*, cujos principais representantes são E. M. Anscombe e Peter Hacker; e a *leitura padrão* representada por Cora Diamond e James Conant. Nesta última, acredita-se que Wittgenstein aborda assuntos que a própria obra afirma serem inefáveis, cujo substrato de verdade, está apenas na autorrefutação da contrassensualidade; bom, isso não traz nenhuma novidade, afinal, o próprio Wittgenstein deixa claro que está ciente de ter acometido contrassenso. Já na primeira corrente interpretativa, de igual modo, também não parece trazer nenhuma novidade ao defender que não há nenhum sentido oculto na obra *Tractatus*, mas apenas contrassensos, já que isso é sinalizado pelo o próprio Wittgenstein. (ROSA, 2013). Incompreensões dessa natureza serão compartilhadas, também, por estudos que tendem a criticar o *Tractatus* como uma obra contraditória, tendo como justificativa o fato de Wittgenstein afirmar o indizível e ao mesmo tempo se pronunciar sobre.

⁵ "The future will pass judgment on us-or perhaps it won't, and if it is silent that will be a judgment too." (WITTGENSTEIN, L., Letters to Russell, Keynes and Moore, Ed. G. H. von Wright, Basil Blackwell, Oxford, 1974, p. 86)

Tendo em vista essas questões, trataremos de compreender em que sentido Wittgenstein assevera algo não ser dizível. O esclarecimento dessa problemática será de grande valia, tanto para a análise da crítica Russelliana ao *Tractatus*, quanto para se ter uma visão panorâmica acerca da arquitetura da obra de Wittgenstein, problematizada pelo penúltimo aforismo concernente a autorrefutação:

Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhece-las como contra-sensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. (Wittgenstein, 2010, § 6.54).

Nesse fragmento, o que se faz bastante problemático, é devido o reconhecimento das proposições da obra *Tractatus* como contrassensos ser posto como condição necessária para o entendimento dos pensamentos nela expressos; além disso, o aspecto contrassensual é caracterizado como o modo pelo qual as proposições *Tractatianas* elucidam. A problemática nessa asserção, e que considerada paradoxal, deve-se, pois, a quebra de expectativa; ou se preferir, a falta de coerência entre a pretensão inicial da obra e seus desdobramentos. Os axiomas asseridos à um discurso lógico com sentido por Wittgenstein é, involuntariamente, contrariado pelo próprio caráter não factual do discurso da obra. Essa consequente autorrefutação na seção final, põe em dúvida não só a validade da obra como também, os próprios princípios de julgamentos provenientes da mesma.

Disso decorre o seguinte raciocínio: Se as proposições são contrassensos, os pensamentos expressos por elas não são verdadeiros; mas, se os pensamentos expressos por elas, não são verdadeiros, então as proposições não são contrassensos. Esse é o paradoxo *Tractatiano*. Porém, segundo Wittgenstein, não é possível julgar um contrassenso; nisto as proposições *Tractatianas* se fazem *intocáveis* e *definitivas*⁶, visto que elas fogem do critério de bipolaridade⁷.

Nessa situação, a necessidade de discernir entre “sentença” e “proposição se faz relevante, visto que, o que assegura a contrassensualidade das proposições do *Tractatus* é o seu aspecto conceitual, o proposto na obra. Mas são as sentenças em sua materialidade que tornam-se passíveis de verificação e consequentemente, são autorrefutadas. Há nisso dois aspectos: um

⁶ Wittgenstein, prefácio, p. 133.

⁷ De acordo com Wittgenstein, o princípio da bipolaridade exige que toda proposição, para ter sentido, deva poder ser verdadeira ou falsa.

envolvendo o aspecto propositivo – que poderia chamar “o dito”; e o outro, envolvendo o aspecto sentencial – que podemos caracterizar como “o mostrado”. O discernimento desses aspectos da linguagem se faz relevante para a compreensão, do pensamento *Tractatiano* porque, embora uma proposição seja expressa através de uma sentença, nem toda sentença é uma proposição. Daí a necessidade de investigar se todas as sentenças do *Tractatus* são proposições ou não, visto que, são apenas as proposições que Wittgenstein atribui o caráter contrassensual.

Tendo em vista essas problemáticas, a proposta aqui é traçar um estudo comparativo entre o estatuto discursivo da obra *Tractatus* e os princípios que regem sentenças de natureza autoexplicativa. Acreditamos que, ambos têm em comum os mesmos axiomas, cujos pressupostos estão pautados na autorrefutação. Esse princípio será esclarecido através dos conceitos “dizer/mostrar”, os quais se mostram como fundamento tanto da obra *Tractatus*, quanto de sentenças autoexplicativas da gramática.

Todavia, a premissa que partimos para comprovar essa hipótese, se faz um tanto problemática, uma vez que, contraria a ideia de disjunção entre as categorias “dizer/mostrar” no *Tractatus*, na medida em que, defendemos que uma sentença autoexplicativa é aquela que opera por meio do *dizer* e *mostrar* de forma simultânea; tendo, pois, na contraposição entre o “dito” e o “mostrado” o princípio autoexplicativo. Por exemplo, na seguinte sentença: *lhe aconselharia nunca começar uma frase com pronome oblíquo*, o que é dito é contrariado pelo o que se mostra na própria sentença. O reconhecimento do erro da sentença assegura a efetivação do que é proposto pela mesma.

Porém, uma possível objeção a hipótese deste estudo, poderia ser: no *Tractatus* nada pode ser *dito* e *mostrado* ao mesmo tempo. Então, de antemão, buscaremos esclarecer a ambiguidade que envolve os conceitos “dizer/mostrar” no *Tractatus*, de modo a elucidar o sentido em que ambos ocorrem conjuntamente numa mesma proposição. A ideia não é refutar a compreensão antagônica, que assegura tais conceitos de forma disjuntas, mas, demonstrar que ela é proveniente de uma visão unilateral, que ignora o aspecto lógico sintático das proposições enquanto signos empíricos.

Ao procurar as razões que pudesse justificar a autorrefutação do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, este trabalho mostrará que, nas sentenças da gramática de natureza autoexplicativa, há um modelo teórico que pode servir de pressuposto para esclarecer o estatuto discursivo da obra de Wittgenstein, tendo como pano de fundo a conceituação do *dizer* e *mostrar*. Além disso, possibilitar compreender que esses conceitos são abordados no

Tractatus, a partir de duas perspectivas distintas: A primeira ocorre no sentido ontológico, onde o “dizer” seria a categoria daquilo que existe e pode ser dito; e o mostrar, a categoria daquilo que existe, mas não pode ser dito. A segunda concepção ocorre no sentido lógico sintático, onde o “dizer” significará o expressado por uma sentença, ao passo que o “mostrar”, significará a própria expressão. Trata-se nessa última acepção da relação entre a sentença e proposição.

Nessa relação será a contraposição entre o *dito* e o *mostrado* que assegura o princípio autoexplicativo. A partir daí duas direções são tomadas: De um lado, ao recusar o dito aceitará o que se mostra; metaforicamente, equivalerá a subir a escada e não se desprender dela. Por outro lado, ao aceitar o dito, recusa-se o que se mostra; no *Tractatus* isso significaria alcançar o topo da escada e, após, abandoná-la passando a ver o mundo corretamente.

Um exemplo da conjunta relação “dizer/mostrar” no *Tractatus* fica explícita quando Wittgenstein refere-se ao aspecto lógico sintático da proposição, que diz e mostra. “A proposição mostra seu sentido. A proposição mostra como estão as coisas se for verdadeira. E diz que estão assim.” (Wittgenstein, 2010, § 4.022). Percebe-se que, na medida em que, toda proposição diz, uma vez que, isso é inerente a sua natureza – até quando uma proposição é destituída de sentido, ela diz; a saber, o que não ocorre no mundo. Do mesmo modo, ela também mostra, exhibe, independentemente se tem sentido ou não.

Outra passagem que ilustra esse raciocínio, é a seguinte: “Se duas proposições se contradizem, sua estrutura mostra isso; do mesmo modo, se uma se segue da outra. E assim por diante.” (Wittgenstein, 2010, § 4.1211). Percebe-se que, quando duas proposições se contradizem, inegavelmente, elas estão a exercer sua função dizível; e simultaneamente, *mostra* isso na sua estrutura. Wittgenstein considera essa nuance, não apenas no caso de contradição, mas, também quando uma proposição se segue da outra etc. O “dizer/mostrar”, nessa acepção, é sinônimo de “expressado/expressão”, sentido esse que, ao longo deste estudo buscaremos esclarecer.

Acreditamos que as bases metodológicas de análise, visando tal fim, precisarão ser pautadas nos próprios princípios que regem a obra *Tractatus*, por mais que estes, estejam expressos através de proposições destituídas de sentidos. Para isso, daremos ênfase a análise da obra *Tractatus*, tendo como ponto de partida as sinalizações, explícitas e implícitas, em seu prefácio. Uma vez que, este, embora integre uma obra, cuja escrita, é um tanto atípica no contexto da tradição filosófica, não foge ao que é de se esperar de qualquer prefácio. Neste, destacaremos alguns pontos decisivos para essa tarefa, tais como:

O primeiro, diz respeito a questão da familiaridade com o assunto da obra, que Wittgenstein aponta como fundamental para lhe entender. Wittgenstein demonstra está se referindo as questões que foram levantadas por Frege e Russell, relativo a busca de uma linguagem acurada capaz de sanar os problemas provenientes das ambiguidades, comum à linguagem ordinária. Ou ainda, essa é uma segunda suposição, a familiaridade a que Wittgenstein sinaliza pode estar relacionado ao estatuto discursivo da sua obra; uma vez que, os princípios que coordena o discurso *Tractatiano* demonstra ser um tanto problemático para compreensão dos pensamentos nela expressos.

O segundo aspecto refere-se ao caráter antiteórico da obra *Tractatus*, que Wittgenstein destaca ao afirmar que sua obra não é um manual. Nuance essa, resultante da perspectiva de Wittgenstein concernente a função da filosofia. Segundo o filósofo austríaco, o papel da filosofia não é criar teorias, mas, o esclarecimento lógico do pensamento a partir de uma crítica da linguagem.

Terceiro, a natureza dos problemas filosóficos, sinalizado por Wittgenstein com assunto principal da obra. Wittgenstein acredita que, grande parte dos “problemas” considerados até então, genuinamente filosófico, são provenientes de confusões conceituais.

Em quarto lugar, a pretensão da obra de traçar um limite para a expressão do pensar, aspecto esse, apontado como objetivo principal da obra. Wittgenstein, a partir disso faz uma importante distinção entre o que pode e o que não pode ser dito em um discurso lógico com sentido. Essa é uma distinção que se mostrará como base de todo sua filosofia *Tractatiana*.

A por fim, a sinalização do prefácio, composta de uma dupla afirmação acerca dos valores que Wittgenstein acredita sua obra possuir; afirmação essa, à primeira vista, bastante enigmática. Wittgenstein assevera que o primeiro valor de sua obra é que, nela está expressos pensamentos, cuja verdade, ele acredita ser intocável e definitivo a ponto de declarar ter resolvido de vez os problemas; em contrapartida, Wittgenstein conclui o prefácio afirmando que, o segundo valor de sua obra é mostrar como pouco lhe importa resolver os problemas. Essa é uma passagem que só fica clara na medida em que compreende-se a função da filosofia na acepção Wittgensteiniana e, portanto, como esta tende a resolver problemas.

Se constatado a hipótese desta pesquisa, acreditamos ser possível uma melhor elucidação acerca do estilo paradoxal da obra de Wittgenstein, e, portanto, os motivos que leva as peculiares incompreensões da filosofia *Tractatiana*. Ao conceber o *Tractatus Logico-Philosophicus* a partir de certa ótica autoexplicativa, as razões lógicas que levam a reprovar

suas proposições, a despeito dos critérios que são necessários um discurso lógico com sentido cumprir, não mais se mostrará como uma característica obscura ou, talvez, incoerente da obra, mas como uma atividade filosófica de esclarecimento da expressão do pensar.

Trata-se de um exercício, uma investigação que oferece um benefício filosófico, uma vez que possibilita uma compreensão do verdadeiro papel da filosofia enquanto atividade de crítica da linguagem e conseqüentemente, a capacidade de discernir entre questões factuais e não-factuais. Acredita-se que, ao seguir o dado explícito nos aforismos *Tractatianos*, sem uma devida compreensão do aspecto autoexplicativo ali engendrado, há uma tendência a tratar-se na filosofia àquilo que o próprio Wittgenstein demonstra está preocupado em esclarecer que não é pertinente.

Porém, se compreendido o discurso *Tractatiano* a partir de certo viés autoexplicativo, somos convocados a reconhecer suas próprias proposições como contrassensos e assim, “não teríamos a sensação de que estivéssemos sendo ensinado filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto. ” (Wittgenstein, 2010, § 6.53). Nesse sentido, as proposições *Tractatianas* aparenta ter sua efetivação na conseqüente autorrefutação. O desenrolar dos aforismos enumerados de 1 a 7, concebido como uma *escada*, terá como princípio oferecer uma visão clara do mundo. Nessa metáfora, o importante não é a escada em si, mas a visão a que se chega ao alcançar o tapo. Ao proporcionar o desenvolvimento do pensar crítico perante as questões que foram postas no âmbito da filosofia, de modo a reconhecer sua verdadeira natureza, saber discernir entre problemas e pseudoproblemas. Essas serão as habilidades esperadas de quem ler a obra *Tractatus* e entendê-la perfeitamente.

REFERÊNCIAS

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3ª Edição. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2010.

RUSSELL, B. “Introdução”. In: *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MORENO, Arley R. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem – ensaio introdutório*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2000. (Coleção Logos).

VIEIRA, R. Diorge. *A escada e o Místico: Como entender um contra-senso?* Dissertação (mestrado), UFSM, RS, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Letters to Russell, Keynes and Moore*. Ed. G. H. von Wright, Basil Blackwell, Oxford, 1974.

RUSSELL, B. *The principles of mathematics*. Cambridge: University Press, 1903.